

105

bibRIA



AVEIRO E AS SUAS CERAMICAS D'ARTE

UMA EXPOSIÇÃO DE BELEZA REGIONALISMO E REQUINTE

PINTORES SEM NOME MAS MAGICOS DA FAIANÇA

Eu andava já aparando o lapis da minha sensibilidade para dizer da arte exquisita destes novos oleiros da côr e da forma que parecem ter abandonado as antigas moradas de Tanagra, os bancos da Etruria e Arad para virem instalar-se aqui, à beira-rio, nesta hiponótica cidade de aguas em cujos poentes de absinto e oiro pa rece dormir a alma rodenbachiana de Veneza.

Por vezes, aqui e ali, nas vitrines dos cafés e estabelecimentos de luxo, alguns exemplares, tauxiados de «raro», tinham espreitado para dentro de minha melancólica curiosidade acordando-me da apática morbidez dos canais que andava no meu espirito — nenufar indolente boiando á tona das coisas e das paixões... E eu concluia, de olhos em miragem, que nesta doce cidade havia já uma industria de arte capaz de embalar, como um tapete persa, as pupilas dos artistas...

Por isso, quando os «placards» das montras anunciaram uma exposição de cerâmicas da terra, aberta para os lados da Avenida da Cidade, foi com ladainhas de entusiasmo que eu me recolhi no meu espirito e logo tomei o proposito de ir surpreender em quermesse ligérica de geitos plásticos e policromismos a admirável linha decorativa, ás vezes erudita e histórica, que eu tinha entrevisto atravez de «bibi-belots» caseiros, frisos elegantes e «panneaux», e pitorescas estilizações de azulejos espalhadas por todo o distrito — e onde a arte desabrochava graciosamente como uma helenica corola de luarencias!

Subi com o dr. Joaquim de Melo — meu cicerone amavel e sapiente — ao 1.º andar da exposição. Logo num salão aparatoso e confortavel, com flôres e estofos, joeirado de luz e de algumas mulheres bonitas, surgiu ante minha admiração exaltada, pois tão pouco meus olhos estavam habituados a estes scenarios numa cidade-sinha onde não ha um salão de festas nem interior fidalgo capaz de servir de pano de fundo a qualquer ambiencia de estesia. E eu regosije com isto. Ha-

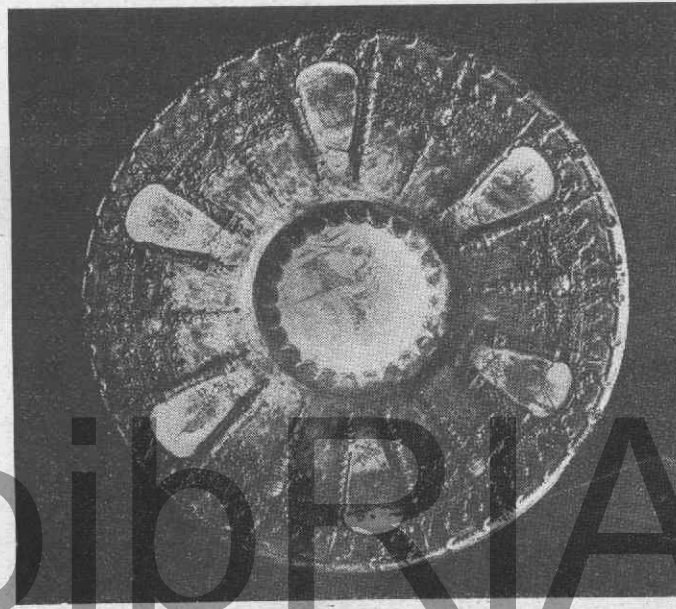
via já um sentimento de requinte na preocupação destes inovadores. A Beleza subia, subia nos estofos e cristais, como um lago de dormencia coalhado de orquídeas avassaladoras...

E nas petalas destas orquídeas, pintalgadas de exotismo — que surpreendente e curiosa primavera etrusca a vicejar por toda a sala! Deambulei durante tempo, que não quís limitar depressa, e de sensibilidade em ansia, por toda o jardim nipónico da exposição, um jardim de arte, só para almas raras — a despeito do turbulento epitáfio do Livro de Visitantes — onde não faltavam as paisagens de «madame Chrysanthème», do pincel de Loti, os bambús, os lagos parades, as cegonhas esbeltas, enfim toda a alma miniatural do Japão modelada em vasos, bengaleiros, «solitários» e um numero grande de jarras preciosas, cantantes de côr...

Mas entre todos os objectos que decoravam este palco sinfónico de plasticisações admiraveis, dois grandes pratos avultavam, imponentes de trabalho artistico e de extraordinarias dimensões, ambos arrancados ao coração fremente da nossa historia. Um, chamado o «prato monstro» de 1,24 de diametro e por motivo central o episodio do Adamastor, com uma cercadura de bombardas e armas de combate, encimadas pela Cruz de Cristo. Outro, o «prato manuelino», vidrado a esmaltes artisticos, modelado numa preciosa cinzeladura copiando o relevo architectónico dos Jeronimos; no fundo a figura de Pedro de Alem-

quer dirigindo a construção das náus; no entrêmeio dos relevos alguns quadros a esmaltes de côres com episodios do descobrimento da India. Desta ultima peça havia ainda um exemplar em «chacote» igualmente sugestionante pelos labores manuelinos do seu talhe.

E quer numa ou noutra peça, além da delicadeza milagrosa da factura, onde parecem ter trabalhado mãos esculturais de renda gótica, o pensamento altívolo que presidiu á sua concepção



«Prato manuelino», caprichosamente trabalhado em motivos dos Jerónimos (diâmetro, 0,60)



Um aspecto da exposição



Carlos Aleluia

criadora revela uma pujança mental que é o melhor diploma com que se podem apresentar os dois moços artistas que lhes deram forma.

Mas seria longo detalhar aqui o rosário florido de minhas impressões. A sala era toda ela um maravilhoso aquário de Beleza a banhar as coisas! Os dragões de estilo «chinez», a policromia do «persa», o azul-maté do «grego», os coloridos faustos «Luiz XV» as jaras elegantes, pratos, bengaleiros, «cache-pots», «potiches», cinzeiros, caixas de pós de arroz, bengaleiros-solitários, serviços de chá anforas, alfi-

net-iras, placas artisticas com figuras, azulejos de fantasia para mobiliário, motivos locais, pinturas de barcos e de velas... — a linha formal e a linha da cor, ambas se casavam harmoniosamente num sonho de requinte e de graça! Esbanjada prodigamente sobre este museu estético de tanagrenses, uma primavera dionisiaca de colorações, rica de tonalidades acres, cheia de sol, a delirar de sol — o sol dos canais e marinhas — dava ao estilo bizantino desta arte caprichosa, uma fisionomia luminosa, luminosamente regional. Ainda bem.

Deixei para o fim o nome dos organizadores deste belo certame de faianças estilizadas e o nome dos seus estilizadores.



«Prato monstro», representando o episódio do «Adamasto» (Diâmetro 1,24)

Foi a Fabrica Aleluia que deu a Aveiro este mercado de Beleza — que irá falar de Aveiro, com orgulho alto, ás exposições do Rio de Janeiro e em breve ao Congresso Beirão, de Coimbra. Por isso para a Casa Aleluia, onde os proprietários são artistas e os artistas moços de sentimento, vai o louvor de meu espirito encantado. Aos dois moços, filhos da casa, cujos retratos esmaltam esta página, a admiração que merece a sua obra — uma obra desconhecida, que o publico ignorava, mas com que triunfaram e se impuzeram. E' deles todo o bizarro embrincado



Gervasio Aleluia

de japonezarias em que vi o barro acordar, florido de graça. Os seus nomes: Gervasio e Carlos Aleluia — dois nomes modestos mas o nome de dois pintores de magias, de dois oleiros emotivos em cuja arte parece reflectir-se o vibratil sonho plastico dos modeladores da Etruria!

O país vai voltar-se para Aveiro.

Recortada na graça melodiosa das tricanas e na linha esbelta da asa das gaivotas, esta nova indústria desabrocha à beira do Vouga, com exuberância, com riqueza, cheia do sol das marinhas — um sol de prodígios e de Beleza!

Lusa-Veneza.

ANTONIO DE CERTIMA

COLCHOARIA QUINTÃO

CASA PREFERIDA PELA MELHOR SOCIEDADE — Colchoarias em todos os géneros, Colchões de arame e de molas, Confecções e concertos de edredons, setinetas e cretones, tapetes, panos de mesa e almofadas de fantasia, enchimentos e venda avulso de sumauma, crina duvet, moinha e cortiça.

RUA SERPA PINTO, 50 e RUA IVENS, 30 — TELEFONE 5194-CENTRAL

O MAIOR SUCESSO LITERÁRIO

2000 exemplares vendidos em 20 dias

MEMORIAS SOBRE SIDONIO PAIS

por ROCHA MARTINS

está à venda o 3.º e ultimo milhar

PEDIDOS Á RUA DO ALECRIM, 65 — LISBOA

Preço 8\$00 Escudos

Pelo correio 8\$43 ctvs.



Palácio Monroe, Rio de Janeiro, Brazil

O «Goodyear» é um rodado para todo o tempo

Defende-se a si próprio

CADA RODADO «ANTIDERAPANT» É FEITO SIMPLEMENTE FORMANDO UM DESENHO NA RODA COM PEQUENAS SUPERFÍCIES DE BORRACHA SEPARADAS

O «Goodyear» rodado para todo o tempo é verdadeiramente um rodado especial. Nem a mais pequena impureza está metida na sua borracha.

Este rodado especial consiste num bloco tão duro e tão elástico que chega a durar uma imensidade de tempo.

A sua duração só acaba depois de muitas leguas feitas, pois no seu fabrico são perfeitamente seleccionados e destruídos todos os que tenham a mais pequena imperfeição.

A superfície especial que por si se defende no rodado «Goodyear» mostra muitas vantagens. Tendo muitos intervalos, em que cabem facilmente coisas pequenas, diminui desta maneira a frequência dos pequenos buracos do rodado.

Este científico desenho do rodado é um facto da colocação dos pneus «Goodyear», dando uma alta vantagem para todo o mundo.

Pneus «Goodyear», medidas em milímetros e polegadas
CORVACEIRA, MARIANO & GOMES, L.^{DA}

Representante em Portugal e Colonias

Rua dos Fanqueiros, 250, 1.º — LISBOA

GOODYEAR